

ROSANA PATRÍCIA BATISTA BARBOSA DA SILVA
ANA DE FÁTIMA PEREIRA DE SOUSA ABRANCHES

IX ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 07: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: EXPERIMENTAÇÕES, TEORIAS E
METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS COM O USO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA A
PARTIR DA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA

São Paulo, São Paulo

2025

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS COM O USO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA A PARTIR DA LITERATURA NEGRO – BRASILEIRA

Rosana Patrícia Batista Barbosa da Silva ¹
Ana de Fátima Pereira de Sousa Abranches ²

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar uma intervenção pedagógica que foi aplicada por meio de uma sequência didática com a oferta de uma disciplina eletiva para estudantes do 2º ano em uma Escola Técnica do Estado de Pernambuco, usando a literatura negro-brasileira de autoras femininas para trabalhar conceitos de raça/cor, autoaceitação e autoafirmação, racismo e preconceito. Tomamos como base a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira na Educação Básica, a partir da leitura e da análise das obras Quarto de despejo: diário de uma favelada, da autora Carolina Maria de Jesus e Ponciá Vicêncio da autora Conceição Evaristo.

Palavras-chave: IDENTIDADE, AUTORAS NEGRAS, SEQUÊNCIA DIDÁTICA.

INTRODUÇÃO

As transformações contemporâneas são caracterizadas pela mundialização, que está ligada a incorporação e assimilação de hábitos e costumes de vários lugares do mundo, acarretando mudanças em nosso modo de vida, dessa forma estamos constantemente em busca de novos conhecimentos.

Para Moraes (2009), a escola constitui-se em um campo social por possuir um conjunto de recursos simbólicos capazes de contribuir na construção da identidade dos(as) adolescentes. A autora destaca a importância da escola na vida dos jovens no desenvolvimento dos laços afetivos, no preparo para a inserção na sociedade. Sendo a escola um dos principais ambientes que contribui para o desenvolvimento físico, psicológico, social e cultural do aluno.

Segundo Carvalho (2012), a instituição escolar é um espaço social no qual os adolescentes compartilhariam significados, referências, representações e outras práticas identitárias presentes na sociedade. Assim, a escola é um campo no qual os sujeitos podem elaborar, conhecer suas identidades. Ressaltando que a escola é um campo de poder,

¹ Mestre pelo Curso de Sociologia da Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ, Docente da Rede pública do Estado de Pernambuco, Branca, Gênero Feminino, Gravatá-PE, rosana.silva@aluno.fundaj.gov.br;

² Doutora em Educação, Docente do Curso de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Fundação Joaquim Nabuco, Parda, Gênero Feminino, Recife-PE, ana.abranches@fundaj.gov.br

experiências, no qual os(as) estudantes estão em constante transformações. Hall (2020) afirma que o sujeito pós-moderno assume diferentes identidades em diversos momentos, e nosso(a) jovem estudante é oriundo(a) desse processo e é nesse espaço de convívio que ele/ela transforma continuamente sua identidade, e descobre quais são os signos que melhor o representam.

Os estudos sobre as identidades vêm se intensificando nos últimos anos nas diferentes áreas do conhecimento, principalmente nas ciências sociais. Conforme Woodward (2014, p. 25): “as mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas”.

Podemos compreender essas transformações como as que os(as) estudantes vivenciam no espaço escolar, e as lutas que enfrentam para a afirmação de suas identidades e pertencimentos aos grupos nos quais querem ser inseridos(as). Para Hall (1995), “as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 1995, n.p. *apud* HALL, 2014, p. 112).

Conforme Gomes (2020), desde muito cedo algumas crianças mestiças e negras aprendem a não aceitar a própria imagem ou até mesmo a construir uma imagem distorcida da família. Para a autora, existem muitas formas e espaços os quais as crianças e adolescentes vão construindo e reconhecendo seus comportamentos, seus significados, sua identidade. Espaços nos quais são aceitas e rejeitadas, e um deles é o espaço escolar, conforme Gomes:

Mesmo que reconheçamos que a manipulação do cabelo seja uma técnica corporal e um comportamento social presente nas mais diversas culturas, já vimos que para o negro, e mais especificamente o negro brasileiro, esse processo não se dá sem conflitos. Esses embates, como já vimos, podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, ressignificação e até mesmo de negação do pertencimento étnico/racial. As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola. (GOMES, 2020, p. 202).

Na escola, as práticas de ensino e aprendizagem podem ser desenvolvidas de diferentes formas, conforme as metodologias utilizadas em cada disciplina, possibilitando, além do conhecimento acadêmico, a construção e reconhecimento dos comportamentos. No que tange à leitura e à literatura, compreendemos que ambas têm um grande poder de transformação, não apenas como disciplina, mas como manifestação. Conforme Silva (2005, p. 521): “É fundamental valorizar o papel do leitor e transformar a visão ainda tradicional que norteia a

prática pedagógica de vários professores, baseada em análises imanentes em face da obra literária”.

De acordo com o atual currículo escolar, é importante ressaltar que as aulas de literatura são ministradas pelo(a) professor(a) de língua portuguesa, que divide a carga horária entre as duas disciplinas (Literatura e Língua Portuguesa). No cotidiano escolar, além das práticas disciplinares, as contribuições que foram inseridas no currículo ainda não são vivenciadas, como é o caso da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), alterada em 2003, incluindo no artigo 26-A 11 a Lei nº 10.639, tornando obrigatório no currículo da Rede de Ensino a temática da história e cultura afro-brasileira, fato esse que colaborou efetivamente para que este debate atingisse a Educação Básica.

A sequência didática foi aplicada como projeto piloto em uma disciplina eletiva, no primeiro semestre de 2023, e no segundo semestre de 2023, sua vivência compõe para trabalho de conclusão de curso (TCC). A literatura negro-brasileira foi trabalhada como processo pedagógico junto com os conhecimentos de sociologia, objetivando compreender como as questões raciais que auxiliam na construção identitária dos(as) estudantes estão presentes nas relações sociais desenvolvidas no espaço escolar no contexto da disciplina intitulada, “Mulheres Negras na Literatura e Estudo na Identidade”.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Usamos a literatura negro-brasileira com o intuito de compreender a construção identitária dos(as) estudantes a partir das obras citadas anteriormente, como também com papel fundamental que a literatura exerce não só na prática de leitura e compreensão dos temas que foram abordados, mas no poder de compreender a si mesmo e o mundo a sua volta. Conforme Chartier (1988, p. 123),

[...] a leitura é, prática criadora, actividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis as intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros: ela é uma caça furtiva (...) O leitor é sempre, pensado pelo: autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada (...) A leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irreduzível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la.

Na sequência didática tivemos como base a Lei 10.639/2003³, para que pudéssemos falar sobre as questões étnico-raciais e sobre a literatura negro-brasileira das autoras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, e as obras Quarto de despejo: diário de uma favelada e Ponciá Vicêncio, como também discutir as questões tratadas nas produções literárias como classes sociais, raça e racismo. Os(as) estudantes realizaram produções de atividades e análises das obras em grupo, como também apresentaram a culminância da intervenção pedagógica com atividades individuais.

A Sequência Didática foi realizada em uma escola técnica estadual de tempo integral, durante as aulas de uma disciplina de oferta eletiva intitulada Mulheres Negras na Literatura e Estudo da Identidade, para os(as) estudantes do 2º ano do Ensino Médio. As disciplinas de oferta eletiva são disponibilizadas para os(as) estudantes de forma que eles se inscrevem conforme o interesse pela temática proposta.

Dessa forma, a disciplina foi ofertada entre os meses de agosto e dezembro de 2023, contemplando 20 horas-aulas, as quais foram distribuídas em 10 encontros. O tema escolhido para nosso estudo foi construção identitária dos(as) estudantes e a literatura negro-brasileira, analisando as questões sociológicas a partir de perspectiva étnico-raciais emergentes na literatura de mulheres negras, como é o caso das autoras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, respectivamente, discutindo as obras Quarto de Despejo: diário de uma favelada e Ponciá Vicêncio.

A sequência didática buscou responder aos objetivos da pesquisa-ação, uma vez que, como objetivo geral, buscamos compreender como as questões raciais que auxiliam na construção identitária dos(as) estudantes estão presentes nas relações sociais desenvolvidas no espaço escolar, abordando questões étnico-raciais e as percepções dos(as) estudantes acerca do tema no espaço escolar

Prosseguindo, de forma específica, os objetivos foram:

- I - Compreender concepções de raça dos(as) estudantes;
- II – Descrever e interpretar como os(as) estudantes compreendem as concepções de identidade presentes no contexto escolar que auxiliam na formação identitária dos(as) educandos(as);
- III – Identificar e descrever como os(as) estudantes compreendem a literatura negro-brasileira, com vistas a construção individual e coletiva em um processo de autoconhecimento e autoafirmação.

³ <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>

Os sujeitos da nossa pesquisa foram adolescentes, da etapa escolar do Ensino Médio, entre 15 e 18 anos, e a questão sobre a construção identitária étnico-racial é uma importante reflexão tanto para os(as) estudantes negros(as), quanto para os(as) estudantes não negros(as), pois influencia na autoidentificação, autovalorização dos(as) estudantes negros(as), como também no respeito e valorização por parte dos(as) estudantes não negros(as).

Dessa forma, diferentes identidades podem ser assumidas, em diferentes momentos, conforme as necessidades, e as experiências vividas e construídas. Hall (2020, p. 12) afirma que, “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”. De acordo com o autor,

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2020, p. 38).

Assim, após realização das leituras selecionadas e já citadas neste texto os(as) estudantes puderam fazer, em grupo, onde fizeram leituras e discussão delas, como também análise e sínteses de apresentação da compreensão das obras. Além disso, assistiram ao filme *Histórias Cruzadas*, que serviu como subsídio para as análises, discussões e compreensão das obras.

Os(as) estudantes também participaram de uma palestra com a escritora Priscila Ferraz, onde puderam tirar dúvidas sobre as lutas e o cotidiano de uma escritora negra brasileira, e falar de questões relacionadas à escrita negra, escritoras que inspiram, o conceito de raça e o combate ao racismo. As leituras, músicas, filme, análises e discussões serviram para compreender as percepções dos(as) estudantes, como também para consolidar os trabalhos finais da nossa eletiva, a saber: podcast, poesias, slam⁴, músicas, desenhos, avatares, varais identitários e narrativas.

O Trabalho de Conclusão de Curso foi realizado tendo como metodologia a Pesquisa-ação. Segundo Tripp, “A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas

4 O slam é uma competição de poesia falada criada nos Estados Unidos por Marc Smith, mais especificamente em Chicago nos anos 1980 e trazido ao Brasil em 2008 por Roberta Estrela D’Alva. Originário do inglês, o termo slam quer dizer batida. As batalhas de poesia falada seguem algumas regras: poesias autorais de até três minutos sem a utilização de objetos cênicos e sem acompanhamento musical.

pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos (2005 p. 445)”. É uma pesquisa qualitativa que possui um caráter formativo e transformador.

A condição para ser pesquisa-ação crítica é o mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo. Nessa direção, as pesquisas-ação colaborativas, na maioria das vezes, assumem também o caráter de criticidade (KINCHELOE *apud* FRANCO, 2005, p. 486).

A pesquisa foi de caráter qualitativo que, “trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2012, p. 21). Para a entrevista realizada na sétima aula da Sequência Didática, utilizamos a técnica semiestruturada que, conforme Minayo (2012, p.64), “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. Dessa forma, as entrevistas possuem as crenças, experiências e valores dos(as) estudantes, conforme as respostas que foram elencadas.

Portanto, a transcrição literal das entrevistas nos possibilitou compreender um pouco sobre as questões étnico-raciais que perpassam a construção identitária do(a) adolescente negro(a) para a sua autoidentificação e autoaceitação, como também a autovalorização por parte dos(as) estudantes não-negros(as).

REFERENCIAL TEÓRICO

Como o objetivo deste trabalho foi compreender como as questões raciais que auxiliam na construção identitária dos(as) estudantes estão presentes nas relações sociais desenvolvidas no espaço escolar, alguns termos serão recorrentes no nosso trabalho, dentre os quais identidade e construção identitária. Conforme Hall (2020), as identidades modernas estão entrando em colapso, mudanças estruturais transformaram as sociedades modernas ao final do século XX. Essas transformações das identidades também refletem nas questões de classe, raça, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade. Para o autor, a identidade é construída historicamente, não biologicamente, e, dessa forma, ao longo da nossa vida poderemos vivenciar diferentes construções e (re)significar a nossa história. Segundo Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante cambiante

de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar a menos temporariamente (HALL, 2020, p.13).

A literatura tem uma função simbólica e social (Silva, 2005). A autora assevera que “ensinar literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas sim revelar para o aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária” (Silva, 2005, p. 523). Portanto, a seleção das obras Quarto de despejo: diário de uma favelada e Ponciá Vicêncio teve o intuito de que os(as) estudantes negros(as) e estudantes não negros(as) pudessem discutir questões sociológicas acerca de questões étnico-raciais, para que pudessemos trabalhar os objetivos da sequência didática.

Conforme Duarte (2011), enquanto muitos ainda se perguntam se a literatura afro-brasileira realmente existe, a cada dia as pesquisas apontam para o rigor dessa literatura que tanto é contemporânea quanto se estende ao Século XVIII.

Quando nos referimos à literatura negro-brasileira presente nas obras das autoras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, Cuti (2010, p. 34) afirma que,

[...] denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil. O aval do Estado Brasileiro dá à denominação “afro-brasileira” um caráter compulsório, enquadrando a produção literária em seus pressupostos ideológicos. O interesse de intercâmbio econômico com os países africanos sustenta as iniciativas de intercâmbio cultural.

Dessa forma, levar a literatura negro-brasileira para a sala de aula é proporcionar aos(as) estudantes negros(as) e não-negros(as) o (re)conhecimento da história, cultura, identidade, autorreconhecimento, reflexões, respeito e valorização de si e do outro.

As autoras e obras que foram escolhidas para serem trabalhadas em nossa sequência didática são referências na literatura negro-brasileira atualmente. Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são expoentes na literatura negro-brasileira e são referências como escritoras femininas que abriram espaço para que tantas outras mulheres pudessem mostrar suas literaturas.

Quarto de despejo: diário de uma favelada foi publicado em 1960, a autobiografia conta o cotidiano da autora e da favela do Canindé. O livro foi publicado quando o jornalista

Audálio Dantas foi fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé, o jornalista conheceu Carolina e ela o apresentou o seu diário. Audálio ficou encantado com o que viu. De início foram publicados apenas trechos do diário, e em 1960 ocorreu a publicação da autobiografia.

Em um ambiente pobre, que fala sobre a desigualdade social de pessoas, em sua maioria negras, que lutam diariamente pela existência e para ter melhores condições de vida Carolina Maria de Jesus lutava para (re) existir e registrava em seu diário as experiências e mazelas vividas por ela e por seus vizinhos. Conforme Milton Santos (1979)

A pobreza em seu sentido mais amplo, não só implica um estado de privação material como também um modo de vida, onde estão em jogo as condições que criam a ausência de autoestima – e um conjunto complexo e duradouro de relações e instituições sociais econômicas, culturais e políticas criadas para encontrar segurança dentro de uma situação de insegurança (SANTOS, 1979, p.10).

Na obra de Carolina encontramos a divisão de classes sociais existente em nossa sociedade que assevera Pierre Bourdieu como:

[...] conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posições semelhantes (BOURDIEU, 1998, p.136).

Carolina em suas narrativas reflete não apenas sobre um país que é dividido em classe, mas traz para a literatura a mulher negra, pobre, favelada, mãe e escritora que rompe com estereótipos da sociedade. Para a autora Conceição Evaristo (2010):

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (EVARISTO, 2010, n.p. *apud* ARAÚJO)

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 em Sacramento, Minas Gerais, cursou apenas duas séries, em uma escola mantida por pessoas influentes da sociedade, mas possuía um bom vocabulário e era autodidata. Em 1937 mudou-se para São Paulo, quando a cidade começava a passar pelo processo de modernização. Carolina chegou à favela do Canindé com os três filhos, José Carlos, João e Vera Eunice, onde trabalhava como catadora de papelão. Em 1958 foi revelada por Audálio Dantas, jornalista, que conheceu a autora quando foi fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé. A escrita de sua autobiografia virou um *best-seller*, Quarto de despejo: diário de uma favelada é lançado em 1960 e muda a literatura brasileira, e

a autora ficaria conhecida em mais 40 (quarenta) países, e sua obra traduzida em 13 (treze) idiomas (LITERAFRO, 2024).

A autora Maria da Conceição Evaristo de Brito, mulher negra, de origem humilde, nascida em 1946 em Belo Horizonte, Minas Gerais, mudou para o Rio de Janeiro em 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, Mestre em Literatura Pela PUC Rio de Janeiro e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, estreou na literatura em 1990, quando publicou seus poemas e contos na série Cadernos Negros. Ganhou o prêmio Jabuti de literatura de 2015, na categoria contos e crônicas. O objetivo do prêmio é promover e valorizar a produção literária brasileira. Algumas das obras de Conceição Evaristo se encontram traduzidas nos idiomas inglês e francês. A autora tomou posse em 8 de março de 2024 como integrante da Academia Mineira de Letras (LITERAFRO, 2024).

O romance da autora Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio, foi publicado pela primeira vez em 2003, no qual a autora frisa, no início do livro, que a sua primeira edição foi financiada integralmente por ela, e conta a história do livro ressaltando para algumas mulheres que “O ato político vem acrescido do ato de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a serem vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida” (EVARISTO, 2017, n.p).

A obra Ponciá Vicêncio, traduzida para os idiomas inglês e francês, narra em terceira pessoa, de forma não linear, a vida de Ponciá Vicêncio, moça pobre, negra, descendente de escravizados, que sentia um vazio em sua vida que a fazia interrogar até o próprio nome: por que Ponciá?

Ponciá Vicêncio, após a morte do pai, parte para a cidade à procura de uma vida melhor. A moça chega à cidade sozinha, desamparada, mas logo encontra emprego, e os flashes de memórias sempre vêm à cabeça de Ponciá. A moça conhece o seu companheiro, um homem rude e violento, mas que era tão calado quanto seu irmão e seu pai. A moça se interrogava o que vivia com ele, se nem o prazer era repartido.

A obra Ponciá Vicêncio aborda a escravização, a desigualdade social, a solidão vivida pela mulher, na obra especificamente a mulher negra, que usamos como um dos focos da nossa intervenção pedagógica na sequência didática. Apresentaremos aqui um dos trechos da obra de Conceição Evaristo:

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro e voltar de mãos vazias de ver as terras dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois, os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada da luta

insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer todos os dias. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E, avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. Nem tempo de se despedir do irmão teve. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava se valeria a pena ter deixado sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não era somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia (EVARISTO, 2017, p. 30).

Podemos observar no trecho destacado que a personagem foi em busca de seus sonhos, mas, ao se perceber longe de suas terras, das pessoas que ama, ela volta a se interrogar se valeria a pena todo sacrifício. Na obra percebemos que Ponciá Vicêncio vive uma constante solidão, pois mesmo depois de ir morar com o companheiro, ele só falava o necessário, que era muito pouco para ela. Ponciá Vicêncio, inclusive, achava que os homens falavam pouco.

Ser mulher muda o significado, a significância na sociedade, ao longo dos séculos a luta das mulheres, em especial das mulheres negras para (re)existir é constante, parecendo ser uma luta sem fim. A literatura é uma forma de poder, pois por meio das palavras são possíveis as interpretações e reinterpretações das experiências sociais vividas. Para Evaristo (2007),

[e]screver pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição (sic) no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa – grande” e sim para incomodá-los de seus sonos injustos (EVARISTO, 2007, p. 21 *apud* PIRES E FREITAS).

Segundo Kathryn Woodward (2014), a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social. Em seu texto “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, elenca um quadro teórico para a compreensão sobre os processos que estão envolvidos na construção da identidade. Embora a autora destaque que analisou um texto centrado na questão de identidade nacional, assinala que a discussão do texto é de Michael Ignatieff, e aqui destacamos dois pontos para nosso trabalho, a saber:

1 - O social e o simbólico referem-se a dois processos diferem-se, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual **damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluindo e quem incluído**. É por meio da diferenciação social que essas classificações da nossa diferença são “vivas” nas relações sociais.

2 - Algumas diferenças são marcadas, mas nesse processo algumas diferenças podem ser obscurecidas; por exemplo, afirmação da identidade nacional **pode omitir diferenças de classe e diferenças de gênero**. (WOODWARD, 2014, p.14) (Grifos nossos).

Destacamos esses pontos, uma vez que compreender as questões étnico-raciais também exige entender as relações de inclusão e exclusão, presentes em nossa sociedade. Salientamos do primeiro ponto as palavras quem é excluído e quem é incluído. Para Gomes (2020, p. 139), “Apesar do seu caráter específico no que se refere à construção da identidade negra no Brasil, o movimento de rejeição/aceitação construído socialmente pelo negro insere-se ainda em um universo mais amplo que incluem dimensões históricas, sociais, culturais, políticas e psicológicas”. A autora também assevera que,

[...] esses apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na adolescência. A escola representa uma abertura para a vida social mais ampla, onde o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos. Uma das coisas é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra e outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre os brancos (GOMES, 2020, p. 204.).

Ressaltamos do segundo ponto a omissão de diferença de classe e gênero, visto que em nossa intervenção pedagógica trabalhamos com duas autoras, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. As autoras em suas obras, Quarto de despejo: diário de uma favelada e Ponciá Vicêncio, além de abordarem as temáticas de classes sociais, gênero, racismo, mostram como as mulheres negras em nossa sociedade lutavam e lutam cotidianamente, para apresentarem a realidade de um país que manifesta relações desiguais desde sua invasão.

Conforme Woodward (2014), os argumentos sobre identidade estão centrados entre o essencialismo e o não essencialismo, considerando dessa forma o agrupamento dos sujeitos, a identidade essencialista, muitas vezes, se fundamenta nas características biológicas. Para a autora,

[...] o essencialismo pode fundamentar suas afirmações tanto na história quanto na biologia; por exemplo, certos movimentos políticos podem buscar alguma certeza na afirmação da identidade apelando seja à “verdade” fixa de um passado partilhado seja a “verdades” biológicas. O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade sexual (WOODWARD, 2014, p. 15).

Segundo a autora, nas últimas décadas ocorreu uma mudança no campo das identidades, chegando a produzir uma “crise da identidade”. Para Woodward (2014, p. 17), “só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior”. Dessa forma, como cada sujeito sente-se pertencente em nossa sociedade, como fazem sentido os significados que encontramos e que tornamos as coisas com as quais nos identificamos e passamos a pertencer, passando a fazer parte de nossa identidade. A cultura é a

representação de um povo, da sociedade, tudo com o que nos identificamos e nos representamos. Portanto, tudo que faça parte e sentido para nossas vidas, que nos identifique, que traga significações. Conforme a autora,

[...] a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que poderia ser? Quem quero ser? Os discursos e os sistemas de representações constroem os lugares a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2014, p.18).

Portanto, é necessário que a construção identitária dos(as) adolescentes seja estudada, como propomos fazer na nossa intervenção pedagógica em torno das construções identitárias étnico-raciais, usando a literatura negro-brasileira como proposta de autoidentificação e autoaceitação por parte dos(as) estudantes negros(as) e valorização por parte dos(as) estudantes não negros(as).

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, trouxemos reflexões e propostas sobre a autoidentificação e autoafirmação étnico-racial dos(as) estudantes negros(as) na escola pública, onde realizamos a Intervenção Pedagógica, com o objetivo de compreender como as questões raciais que auxiliam na construção identitária dos(as) estudantes estão presentes nas relações desenvolvidas no espaço escolar, abordando questões étnico-raciais e as percepções dos(as) estudantes acerca do tema no espaço escolar.

Entendemos que as práticas educativas no ambiente escolar precisam ser revisadas e ressignificadas. Ao concluir o trabalho, podemos falar sobre as questões marcantes que envolveram esse percurso, como as questões sociológicas, que possibilitaram as discussões com os(as) estudantes sobre a temática étnico-racial e tudo o que envolve o tema, e as questões da literatura negro-brasileira, que, além de levar para sala autoras negras, como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, trouxe temas e vieses que possibilitaram ampliar os horizontes dos(as) estudantes, apontando os desafios que são necessários enfrentarmos para desnaturalizar alguns conceitos e efetivar um ensino que seja mais equânime, multi/pluri e que permita que todos(as) estudantes identifiquem suas potencialidades.

O objetivo pretendido com este trabalho não se encerra aqui, uma vez que falar de construção identitária é falar de algo que está em constante transformação, modificação para o desenvolvimento de qualquer ser humano. Além disso, a construção identitária étnico-racial na

escola pública, como proposto aqui, aponta caminhos viáveis agregando conhecimentos para a Sociologia, como também para a Literatura negro-brasileira, entre outras disciplinas. Desse modo, a intervenção pedagógica, vivenciada por meio da sequência didática demonstra que é possível trabalharmos questões que possibilitem a identificação étnico-racial dos(as) estudantes, e o uso de diversas ferramentas metodológicas como apresentamos na sequência de didática é uma das propostas viáveis que demonstram essa identificação.

Para que pudéssemos construir essa sequência didática, nos debruçamos várias vezes sobre sua elaboração, para que o desenvolvimento pudesse nos ajudar a compreender e atender os objetivos deste trabalho. Podemos afirmar que cada aula foi primordial para realizá-lo. A participação e envolvimento dos(as) estudantes foram de extrema importância para que pudéssemos compreender esse processo de construção identitária étnico-racial dos(as) adolescentes negros(as) que se deu mediante a autoidentificação e na autoafirmação com uso da literatura negro-brasileira. As leituras realizadas como acesso de conhecimento de histórias coletivas e individuais possibilitaram vivenciar transformações, debate e escuta, o que possibilitou discutir realidades.

O resultado obtido nas 10 (dez) aulas que foram descritas e analisadas permitiram ver o desempenho, dedicação e produção conjunta de novos conhecimentos e ressignificação de conhecimentos revisitados pelos(as) estudantes. Desse modo, observamos nas falas dos(as) estudantes reflexões e questões que merecem atenção; construir um bom diálogo permite promover a capacidade crítica dos(as) estudantes de forma que possam compreender e respeitar a construção identitária de forma coletiva e individual.

Conhecer a história por intermédio de escritoras negras, debater o racismo, a desigualdade social entre outras temáticas envolvidas permitiu que o(a) estudante construa e/ou (re)construa uma imagem positiva de si como sujeito. A importância de encontrar personagens, autores(as) negros(as) na literatura é reconhecer que a literatura proporciona identificação e que a construção identitária é atravessada também pela literatura.

Portanto, concluímos afirmando que as abordagens sociológicas que foram realizadas junto com literatura negro-brasileira das autoras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo podem contribuir para a autoidentificação, autoafirmação e autoestima na construção identitária étnico-racial de adolescentes negros(as) na escola pública que vivenciamos na sequência didática. Ansiamos pelo dia que em nosso país tenhamos igualdade social, para que nossos(as) estudantes possam ter consciência de seus direitos e possam juntos(as) viver esse cenário.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Bárbara. Entrevista com Conceição Evaristo. In: **Blogueiras feministas**. [S. I.], 30 set. 2010. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2011/11/concei-cao-evaristo>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. **D.O.U.** de 10 de janeiro de 2003.
- CARVALHO, M. A construção das identidades no espaço escolar. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, no 1, p-209-227, jan/jun.2012.
- CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- DUARTE, E. de A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. v. 4. 2011. Belo Horizonte: Editora UFMG. p. 375- 403.
- EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio** – 3a ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FRANCO, M. A. S. **Pedagogia da pesquisa-ação**. Educação E Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.
- GOMES, N. L. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3. ed. amp.; 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020 – (Coleção Cultura Negra e Identidades)
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Stuart Hall; Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.
- HALL, S. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T (Org); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes, 2014.
- JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**/ Carolina Maria de Jesus; Ilustração de No Martins – 1. ed. – São Paulo: Ática, 2020.
- LITERAFRO. O Portal de literatura afro-brasileira. Carolina Maria de Jesus. **literafro**, Belo Horizonte, 06 fev. de 2024. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 22 de abril de 2024.
- LITERAFRO. O Portal da literatura afro-brasileira. Conceição Evaristo. **literafro**, Belo Horizonte, 16 de abril de 2024. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 22 de abril de 2024.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

MORAES, L. A. S. S. Identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola. **TransFormações em Psicologia**, Minas Gerais, v. 1, no 2, p. 86-98, 2009.

PIRES, T.; FREITAS, F. **Vozes do cárcere: ecos da resistência política**. Thula Pires, Felipe Freitas (Orgs.). – Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.

SANTOS, M. A totalidade do Diabo. **Como as formas geográficas difundem o capital e mudam estruturas sociais**. In: SANTOS, Milton (Org.). Economia espacial, críticas e alternativas. São Paulo: Hucitec, 1979.

SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. PPGL 30 Anos–Melhores Teses e Dissertações. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005. Disponível em: [tps://pibidespanholuefs.files.wordpress.com/2015/07/textopara-o-encontro-de-amanhc3a3.pdf](https://pibidespanholuefs.files.wordpress.com/2015/07/textopara-o-encontro-de-amanhc3a3.pdf). Acesso em: 17 jan. 2023.

SILVA, L. (Cuti). **Literatura negra-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T (Org); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.